

Lição 6: A geração simples existe? Problema e solução.

42. Após ter determinado sobre a geração e a alteração segundo as opiniões dos outros, o Filósofo aqui começa a investigá-las segundo sua própria opinião. Primeiro, pergunta se existe alguma geração simples, segundo a qual algo é dito ser gerado absolutamente; Em segundo lugar, a diferença entre alteração e geração simples (L. 10).

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas.

Primeiro, ele declara sua intenção [42] e diz que, após ter determinado o que foi dito anteriormente, o primeiro ponto na investigação da verdade é ver se algo é gerado e corrompido absolutamente, ou se "propriamente", isto é, absoluta ou principalmente, nada é gerado ou corrompido, mas que algo é sempre gerado a partir de algo e em algo — o que parece pertencer à geração e corrupção em sentido qualificado. E ele dá como exemplo o caso em que, a partir de algo "laborioso", i.e., doente, algo saudável vem a ser. Neste caso, o ser absoluto não é produzido, porque já existia, mas "algo", a saber, ser saudável, o é, visto que anteriormente "saudável" não era, mas sim "laborioso", i.e., doente. E o mesmo vale quando algo se torna doente a partir de saudável, ou o pequeno a partir do grande, ou vice-versa, e assim por diante para todas as mudanças declaradas dessa maneira — pois tal geração em sentido qualificado é encontrada em toda classe de ser móvel, como fica claro na Física VIII.

43. Em segundo lugar, [43], ele realiza sua proposta: Primeiro, ele apresenta uma dúvida; Em segundo lugar, ele a resolve, em 48; Em terceiro lugar, ele objeta à solução, em 49.

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, ele apresenta a dúvida; Em segundo lugar, ele rejeita uma resposta, em 46.

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas:

Primeiro, ele propõe uma certa consequência [43] dizendo que, se a geração absoluta ocorresse, seguir-se-ia que algo seria gerado a partir do não-ser absoluto.

44. Em segundo lugar [44], ele mostra que o consequente é impossível. Pois aquilo a partir do qual algo é gerado pode ser chamado de "isso"; por exemplo, se a partir de madeira um armário é gerado, pode-se dizer que o armário é madeira. Se, portanto, a partir do não-ser absoluto o ser é gerado, será verdadeiro dizer que o não-ser existe, i.e., que ele é ser — o que é ter contraditórios verdadeiros ao mesmo tempo. Consequentemente, o antecedente parece ser impossível, a saber, que algo seja gerado absolutamente a partir do não-ser. Ora, essa inadmissibilidade segue-se se algo é dito ser produzido a partir do não-ser absolutamente, como a partir de um sujeito

permanente; não se segue, no entanto, se for apontado que algo é produzido a partir do não-ser absolutamente apenas segundo a ordem, i.e., que após o não-ser, o ser é produzido. Mas Aristóteles está objetando aqui de maneira disputativa.

45. Em terceiro lugar [45], ele mostra a necessidade da primeira consequência. Pois assim como uma geração particular está relacionada a um não-ser particular, assim a geração absoluta está relacionada ao não-ser absoluto. Mas uma "certa" geração, i.e., uma geração segundo a qual algo é dito ser gerado em sentido qualificado, é a partir de um certo não-ser, por exemplo, a partir do não-branco, quando algo se torna branco, ou a partir do não-bom, quando algo se torna bom. Portanto, a geração absoluta, segundo a qual algo é dito ser gerado absolutamente, é a partir do não-ser absoluto.

46. Então [46] ele exclui uma certa solução que poderia ser dada distinguindo "ser absoluto". Por isso, ele primeiro apresenta a distinção e diz que "ser absoluto" pode ser entendido de dois modos: de um modo, como significando aquilo que é o primeiro entre as categorias do ser, a saber, a substância; de outro modo, como significando o ser universal, que inclui todas as categorias. De acordo com essas distinções, "não-ser absoluto" pode ser dito tanto daquilo que não é substância, quanto daquilo que de nenhum modo é ser.

47. Em segundo lugar [47], ele mostra que de acordo com ambos os sentidos algo inadmissível se segue. Pois se "ser absoluto" for tomado como o primeiro ser, que é a substância, então "não-ser absoluto" será não-substância. Se, portanto, a geração absoluta exige que haja ser absoluto a partir do não-ser absoluto, seguir-se-á que haverá substância a partir de não-substância. Mas quando se supõe que não existe nem substância nem um "isto" (que implica uma substância individual), então é claro que nenhuma das outras categorias permanecerá, i.e., nem qualidade, nem quantidade, nem "onde" — porque, caso contrário, seguir-se-ia que "paixões", i.e., acidentes, existiriam separados das substâncias, o que é impossível.

Mas se for dito que aquilo a partir do qual algo é gerado absolutamente é o não-ser universal, no sentido de que "ser absoluto" é tomado como ser comum, seguir-se-á que a expressão "não-ser" significa a negação de todos os seres. Por conseguinte, seguir-se-á que o que seria gerado absolutamente seria gerado a partir do nada absoluto. Mas isso é contra a noção de geração natural, e contra as doutrinas de todos os filósofos da natureza, que discutiram a geração natural.

48. Então, em [48], ele resolve esta dúvida. E diz que esta questão foi "mais amplamente" discutida, i.e., discutida com maior extensão, também em outros livros, a saber, na Física I, com as dificuldades apresentadas e as determinações feitas. Portanto, agora é suficiente afirmar mais brevemente que algo é gerado absolutamente de um modo a partir do não-ser, e de um modo a partir do ser — pois aquilo que pré-existe à geração deve ser ser em potência, mas não-ser em ato. Consequentemente, o que é dito de ambos os lados é verdadeiro, a saber, que a geração absoluta é a partir do ser e a partir do não-ser.

49. Então [49] ele objeta contra esta solução. Sobre isso, ele faz três coisas: Primeiro, ele apresenta a objeção;

Em segundo lugar, ele usa isso como ocasião para fazer outra pergunta e respondê-la (L. 7); Em terceiro lugar, ele responde à dúvida em discussão (L. 8).

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas:

Primeiro, ele declara sua intenção [49] e diz que, como a determinação anterior gera uma questão maravilhosa, será necessário investigar novamente como ocorre a geração absoluta, ou seja, se a partir do ser em potência, ou de alguma outra forma.

50. Em segundo lugar [50], ele levanta uma certa questão: A geração simples ocorre apenas da substância e do "isto", isto é, do indivíduo no gênero da substância, e não da quantidade, qualidade, "onde" ou dos outros predicamentos, que não são seres absolutamente? E a mesma questão pode ser colocada quanto à corrupção. E deve-se supor como certo que a geração e corrupção simples são apenas da substância.

51. Em terceiro lugar [51], ele prossegue com o problema. E diz que, se a única coisa gerada absolutamente é o "o que", isto é, algo existente no gênero da substância, e se aquilo a partir do qual algo é gerado é o ser em potência, como foi dito acima, e não em ato, segue-se que aquilo a partir do qual a substância é gerada, bem como aquilo no qual ela é transformada quando corrompida, é substância em potência e não em ato. Portanto, resta investigar se ela é algum dos outros predicamentos em ato, como quantidade, qualidade, "onde" ou qualquer outro predicamento, ao mesmo tempo que é potencialmente "este ser", isto é, substância, que é o ser absolutamente, embora não exista "absolutamente", ou seja, em ato, como "isto", isto é, como substância ou ser.

Qualquer que seja a parte dessa dificuldade que se conceda, segue-se algo inadmissível. Pois, se ela não é nenhum dos outros em ato, mas é todos os gêneros dos predicamentos em potência, segue-se primeiro que o não-ser é separado, isto é, que a matéria, que é ser em potência, existe sob privação, que é não-ser, mas sem qualquer forma. Em segundo lugar, segue-se o que os primeiros filósofos mais temiam, a saber, que algo seja gerado a partir de nenhuma coisa pré-existente: pois o que não é ser em ato, é nada.

Mas, se supõe-se que aquilo a partir do qual a substância é gerada não é um "isto algo", isto é, um indivíduo no gênero da substância, nem substância em ato, mas é um dos outros predicamentos em ato, segue-se a consequência inadmissível que aduzimos antes, a saber, que "paixões", isto é, acidentes, existem isolados das substâncias — o que é claramente impossível.

Consequentemente, parece que a geração absoluta não pode ocorrer dessa maneira, ou seja, que uma substância seja gerada a partir do que é não-ser em ato e ser em potência, como a solução anterior sugeria.